

# Aos 11 anos, eu também achei que nunca daria certo com ninguém

*Aléxia Islabão dos Santos  
Cristina Bohn Citolin*

# 05

Tudo começou quando assisti a um desses vídeos curtos de hoje em dia, com um áudio singular tocando e pessoas fingindo alguma reação engraçada ao escutá-lo. O áudio simula uma adolescente por volta de 11 a 13 anos comentando sobre uma decepção amorosa que sofreu e concluindo que nunca dará certo com outra pessoa romanticamente. Essa gravação aparece em diversas montagens e as pessoas que atuam ao som dela sempre simulam um adulto incrédulo ouvindo tudo isso, gerando uma situação cômica. Não vou mentir, eu também ri disso... Até que me vi dentro de uma, ou melhor, duas salas de aula cheias de meninas de 11 a 13 anos achando que nunca dariam certo com ninguém.

Isso aconteceu durante a minha experiência de estágio como docente nos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola municipal do Rio Grande do Sul. Nesse período de prática em sala de aula, que foi realizado em dupla, eu e meu colega fomos designados para ministrar aulas de Português em duas turmas de sexto ano. Foi lá que, para além das experiências didáticas, tivemos a oportunidade de aprender a trabalhar com humanos: humanos muito jovens e inexperientes. Isso exigiu de nós um olhar totalmente diferenciado, que nos levou a enxergar as necessidades do nosso público-alvo, a aprender a ouvir o que nossos alunos tinham a dizer e a exercitar nossa capacidade de compaixão e respeito pelo próximo.

Foi assim que descobri que o áudio fica bem menos engraçado quando você escuta e assiste a tudo ao vivo. O que ainda pode ser agravado pelo fato de que, talvez, você tenha se apegado um pouco a essas adolescentes. Foi o que aconteceu comigo. Eu, uma pessoa que declaradamente não gosta de crianças, me apeguei aos meus alunos de sexto ano do Ensino Fundamental mais rápido do que você poderia pronunciar: “Mas você disse que não gostava de crianças”. Tá, talvez não tenha sido tão rápido assim, mas foi bem mais rápido do que o “nunca” que eu estava esperando.

Acontece que o mundo da gente vira de cabeça para baixo quando entramos pela primeira vez numa sala de aula e aquele coro de crianças entoando um “oi, prof!” empolgado ainda tão cedo pela manhã. Era praticamente impossível não se apaixonar pelas brincadeiras, pelas conversas e pelo jeitinho de cada um. E conforme a gente vai se apaixonando, também vai, inadvertidamente, criando laços de afeto.

Foi mais ou menos isso que aconteceu com uma das minhas alunas: Carolina<sup>1</sup>, 12 anos, sexto ano do Ensino Fundamental. Ela afirmava amar Vicente com todo o seu coração. Vicente, 14 anos, oitavo ano do Ensino Fundamental da mesma escola, nunca vi na vida, se vi, não reconheci. Mas tudo começou com Alice, 12 anos, sexto ano do Ensino Fundamental, melhor amiga de Carolina. Alice foi quem teve a brilhante ideia de aproveitar uma ocasião festiva com interação entre turmas para ir até a sala do oitavo ano contar ao Vicente que Carolina gostava dele.

Em resposta, Vicente disse que gostaria de conversar pessoalmente com Carolina. Alice

---

1. Os nomes originais foram substituídos por nomes inventados para preservar a identidade de cada um.

levou esse recado de volta para a sala do sexto ano, onde Carolina se refugiava. Ao saber que Vicente a esperava para conversar pessoalmente, Carolina, de forma muito madura, se escondeu debaixo da mesa do professor. Eu, mais madura ainda, me sentei no chão ao lado dela, também debaixo da mesa. Minha dupla de estágio, não tão madura assim, apenas se agachou — e nem foi debaixo da mesa. Juntos, todos tentamos acalmar Carolina, que estava a ponto de ter uma crise de ansiedade.

Foi nesse momento, tão precioso para minha vivência de estágio (e dessa vez não foi ironia), que ela nos contou que passava o dia visualizando as fotos dele nas redes sociais, porque realmente o amava muito. Porém, ela também disse que sabia que Vicente não iria querer ficar com ela, porque os amigos dele fariam piadas o chamando de pedófilo, já que Carolina era mais nova. Nessa hora, pensei que seria de grande ajuda contar que eu e meu namorado também tínhamos uma diferença de idade de dois anos, o que levantou grandes suspeitas sobre meu relacionamento com minha dupla de estágio, já que as idades batiam. História para uma próxima crônica.

Mas, resumindo, essa situação em que Alice servia de menina de recados e tentava convencer Carolina a encontrar Vicente durou bastante tempo. Por fim, o menino perdeu a paciência e mandou dizer, pelos próprios amigos, que não queria nada com Carolina. A decepção dela era nítida, comprovada, inclusive, por algumas lágrimas escondidas. Nessa hora, aquele videozinho que eu mencionei antes atingiu minha memória em cheio. Carolina era aquela garota. Ou melhor, Carolina representava todas essas garotas de 11 a 13 anos que sofrem suas primeiras decepções amorosas e sentem o mundo acabando.

Mas... eu também já fui. E você, caro leitor adulto, provavelmente também já foi. Todos nós que chegamos à fase adulta tivemos 11 anos um dia, todos nós tivemos nosso primeiro amor um dia. Assim como também tivemos nossa primeira decepção. E, tenho uma teoria, a primeira decepção costuma ser a mais dolorosa, porque somos como um pé descalço, com a sola lisa e fofinha, pisando em terreno irregular pela primeira vez. Com o passar do tempo, o acúmulo de sujeira e os costumeiros espinhos, nosso pé vai criando uma casca ao redor da sola, capaz de nos proteger de boa parte dos danos. Mas a primeira vez, antes que a sola se torne calejada, dói muito.

Depois de perceber isso, depois de perceber que eu já estive no lugar da Carolina há muitos anos, aquele vídeo perdeu a graça. A maioria de nós, adultos, crescemos e nos esquecemos daquilo que fomos um dia. Então, afastados dessa realidade distante, rimos daqueles que vêm depois de nós. Somente alguns poucos permanecem com o coração eternamente jovem ao ponto de serem capazes de compreender a dor do outro em vez de torná-la uma piada. Hoje pude descobrir isso, porque tive a oportunidade de ser uma professora de sexto ano e de ver naqueles pequenos pré-adolescentes a pessoa que eu também fui um dia.